

**AVALOVARA, DE OSMAN LINS:
UMA VIAGEM PELOS CAMINHOS DA EXISTÊNCIA HUMANA**

Ms. Juliana Primi (USP)¹

RESUMO: *Avalovara, de Osman Lins, tem a pretensão e a proposta de inscrever o romance na grande trajetória humana, narrar uma aventura e ser narrado por ela, oferecendo ao leitor uma incursão pelo conhecimento, através das artes, política, psicanálise, biologia, astronomia, religião e por meio dos mitos. O homem que empreende a viagem sugerida pela obra é Abel, narrador do romance e protagonista. Ambos são conduzidos no tempo e no espaço, na espiral que cruza o quadrado mágico, por três mulheres, três representações de vida. Elas são os percursos de uma viagem pelos caminhos da existência humana. Abel as percorre e é percorrido por elas, ele as cria e é criado, ama e é amado, mas, mesmo assim, são elas que lhe mostram o mundo, com suas maravilhas e seus infortúnios.*

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Brasileira - Romance – Viagem – Feminino

Avalovara (1975), do pernambucano Osman Lins, mostra a fase de plenitude do autor; é o ápice de seu caminho pela ficção, expressando aquilo que, para ele, era fundamental: sua paixão pela escrita e pelas narrativas, e o encontro com o mundo que fascina, palpita, tanto ambicionado e não atingido em seus livros anteriores:

Moveram-me a escrever **Avalovara**, que é um romance, razões bem diferentes. Eu ambicionava escrever um livro que fosse, no primeiro plano, se assim posso dizer, uma alegoria da arte do romance. Há muito tempo preparava-me. (...) Outro afluente importante na gênese da obra era o amor humano. As sugestões simbólicas do corpo e o sentido cósmico da união carnal, como se sabe, atraem o homem desde os tempos mais remotos. Lê-se num velho texto hindu: “Não há perfeição sem o corpo, nem beatitude.” (LINS, 1974)

Esta obra é um romance sobre o romance, sendo uma via ficcional do ato de escrever que muda os termos da realidade. A história de Abel, personagem, escritor, narrador e amante, é seu meio de acesso ao romance através dele próprio. Roos é a primeira mulher que ele conhece, por ocasião da bolsa de estudos obtida da Aliança Francesa; o personagem passa, quase todo o romance, desconcentrando-se dela. Depois, encontra uma brasileira chamada Cecília, por meio da qual toma conhecimento da realidade feita de diferenças de seu país natal e, por fim, descobre a mais importante, representada por um signo meramente visual: “O”; mulher na qual são concentradas as duas anteriores.

Além dessas três narrativas, há dois percursos desconexos do romance: o esquema arquitetônico estrutural representado por dois personagens – um servo e seu senhor -, que vivem na antigüidade latina, e outro que se refere a um personagem artífice, Julius, fabricante de um relógio importante para a idéia temporal da obra e que vive na época industrial. Pode-se perceber que as três mulheres são mais do que simples personagens; elas simbolizam três fases do amadurecimento do escritor Abel. Tais fases mostram a visão aberta de mundo, a qual procura captá-lo e penetrá-lo.

¹ **Juliana PRIMI. Mestre em Literatura Brasileira.**

(Universidade de São Paulo, Departamento de Literatura Brasileira)
juprimi@yahoo.com.br.

O nome do romance, **Avalovara**, merece explicação: sua origem provém de uma divindade oriental chamada *Avalokiteçvara*, de cujos olhos nasceram o Sol e a Lua; de sua boca, o vento; de seus pés, a Terra. Segundo a lenda budista, esta divindade, depois de várias encarnações, estava para atingir o nirvana quando um trovão ecoou em todos os mundos. Sabendo que se tratava de uma manifestação das criaturas, ao tomar conhecimento de sua partida, ela as redime em um ato de amor, renunciando ao nirvana até que todos os seres estivessem preparados para entrar na plenitude. Isso remete ao fato de Abel procurar, por meio de seu amor por uma mulher, redimir o amor.

O livro possui oito linhas narrativas: **Roos e as Cidades, Cecília entre os Leões, História de “O”: Nascida e Nascida, “O” e Abel: Encontros, Percursos, Revelações, “O” e Abel: Ante o Paraíso, “O” e Abel: o Paraíso, A Espiral e o Quadrado e O Relógio de Julius Heckerthorn**. No entanto, há um entrecruzamento dessas narrativas nos percursos; encontros e desencontros do próprio narrador, que resultam na visão estética do romance, representando a passagem do momento crítico à criação artística do autor.

A narrativa **A Espiral e o Quadrado** é muito significativa, já que instrui o leitor em relação à disposição espacial do romance. A espiral e o quadrado denotam o próprio romance: o quadrado é a representação da folha de papel, sobre a qual será escrito o texto, e a espiral é a tendência de o ser humano querer encontrar o infinito. Em **O Relógio de Julius Heckerthorn**, o princípio de imprevisto e aleatório, inerente à vida, é introduzido.

Sobre essas duas figuras geométricas, é posta uma frase latina: *SATOR AREPO TENET OPERA ROTAS* - inventada por um escravo frígio de Pompéia, feita de cinco palavras, cada uma com cinco letras, que pode ser lida igualmente nos dois sentidos e, em cuja composição, entram apenas oito letras -, mostrando a tendência barroca de Osman Lins, já que evidencia o lúdico. Cada letra da frase encontra-se à esquerda de cada linha narrativa iniciada e, à direita, o número de vezes que ela apareceu.

Nesta poderosa coexistência da deliberação e da fantasia, do calculado e do imprevisto, um estudo mais detalhado de três linhas temáticas torna-se imprescindível: **Roos e as Cidades, Cecília entre os Leões e História de “O”: Nascida e Nascida**.

1

1 Roos e as cidades

Roos é uma alemã, estudante da Aliança Francesa, assim como Abel. Ela é a letra A do enigmático quadrado do romance, que significa “Cidade de Ouro”. A falta de familiaridade do protagonista com a cidade em que se encontra, longe de seu país, é traduzida nesta linha temática, sendo representada pelos desencontros entre Abel e Roos.

Esta mulher representa a Europa e, conseqüentemente, o papel de colonizadora. Talvez por isso, haja tantos desencontros: Abel encontra-se em posição de “colonizado” perante a “colonizadora”, além de Roos denotar a presença da literatura européia em nossa literatura. Tal fato pode ser percebido quando Abel visita seu amigo Weigel, nome de um personagem do escritor Dostoiévski; aquele chama Abel de Liév Nikoláievitch Míchkin, personagem criado pelo autor russo em sua obra **O Idiota**:

- Liév Nikoláievitch Míchkin... (Fala entrecortado. Sua voz apagada lembra-me uma corrente cheia de ferrugem, fazendo-se em pedaços sob a terra).
Definitivamente a vida é um fardo grande demais para os homens. (LINS, 1995. p.164)

Pode-se imaginar que Roos é a “Cidade de Ouro” que Abel encontra ao chegar na Europa. Ela é o encontro simbólico de sua visão da cidade de Porte Dorée, é o ir e vir, que penetra onde quer

que Abel se encontre. Representa o inalcançável. Ao final desta linha narrativa, há o rompimento do romance dos dois como se fosse o rompimento entre as duas literaturas: a brasileira e a européia, em uma espécie de independência de nossa literatura em relação aos valores europeus.

2 Cecília entre os leões

Cecília é a letra T do quadrado mágico e significa “o paraíso e a unidade”, ou seja, o encontro do escritor com sua terra natal, Pernambuco. Nela, Abel encontra a possibilidade de um envolvimento maior do que com Roos, pelos seus aspectos em comum: mesma nacionalidade, mesma literatura, mesma cultura.

Ela aparece como conciliadora dos opostos, assim como Buda: é combinada à imagem de ouro de Roos e configurada entre os leões. Encontra-se no meio termo e somente, através dela, Abel conseguirá atingir “O”, ou seja, a plenitude.

É ainda a simbolização da zona rural e, especialmente, da zona canavieira nordestina. Hermenilda e Hermelinda são duas representantes dessa tradição e têm, por função, tecer o romance de Abel e Cecília e anunciar a união de forças contrárias em Cecília: a popular e a erudita, a opressão e a criação, a vida e a morte.

O folclore nordestino é mostrado nos atos de coser e cantar das mulheres: Hermenilda e Hermelinda cantam no pastoril, festa popular de celebração do Natal que, na obra, se manifesta por ocasião da entrada de Cecília na casa de Abel.

Abel vê Cecília como um retorno ao seu passado – quando criança, brincava no chalé onde viveu na cidade de Olinda. A descrição do chalé é feita de uma forma que corresponde à sua visão fictícia e não copiada da realidade.

O romance dos dois degenera-se, como um romance tradicional que parecia tornar-se real. Tal estrutura está vinculada à extinção e à desunião da família do protagonista. Filho bastardo de uma ex-prostituta (Gorda), ele tem doze irmãos que tocavam instrumentos nos tempos do chalé, mas que agora são mudos. Seu pai adotivo é tesoureiro e faz parte de uma geração preocupada única e exclusivamente com o acúmulo de bens, o que o levou a atirar-se de um prédio no momento em que está desempregado.

Cecília reflete a Lua e o Fogo e mostra-se em dualidade de homem e mulher, casal que integra as contradições. Abel e ela são uma única pessoa e, ao mesmo tempo, são dois seres quando há o ato sexual:

1.1 Cecília e eu, ajoelhados, somos um. Seus, no corpo que formamos, perna e braço esquerdos; meu braço direito, a perna direita; duas as nossas cabeças; subsiste um seio, o esquerdo, em nosso busto. A mão direita segura a mão esquerda. Voltam-se nossas cabeças, frente contra frente. Nosso corpo, favos rompidos de mel, exala o gozo carnal.(LINS, 1995. p. 250)

A função de Hermenilda e Hermelinda termina com a morte de Cecília, já que esta é o meio termo, ou melhor, a consciência profunda de Abel.

3 História de “O”: nascida e nascida

“O” é filha de um músico surdo, que se comunica por meio de uma corneta de chifre, e de uma chapeleira frustrada pela desgraça de seu marido. Depois de um acidente provocado pela mãe,

passa a morar com os avós. Na companhia deles e da empregada doméstica Inês, ela conhece Olavo Hayano, seu futuro marido e Inácio Gabriel, que prenuncia o aparecimento de Abel.

Ao casar-se com Olavo Hayano, “O” entra para a estrutura tradicional recebida pelos avós. Passa até mesmo a ter uma ama de infância, Natividade (negra rendeira que morre em um asilo), submete-se às tiranias do marido e tenta o suicídio. Tal fato rompe esta estrutura tradicional em que vivia, como se fosse uma ressurreição da personagem.

Com isso, há uma mudança marcante em sua vida: o amor de Abel. Somente através da união com Abel que ela revela as vozes contidas e escondidas em seu corpo. É interessante notar o quanto é importante o discurso dela para Abel; por meio deste, Abel sente sua inclinação para a escrita, para a narração e para o amor. Durante o ato sexual, há uma transição do processo narrativo, como um “ato textual”.

As vozes de “O” liberam-se por meio de metáforas (**a praça**). Assim como seu corpo ultrapassa os limites da praça, a passagem de Abel pelo seu corpo transgredir seus limites (do corpo), liberando uma nova linguagem construída pela junção dos espaços histórico e literário.

São dois os renascimentos de “O”: quando sofre o acidente provocado pela mãe e quando tenta o suicídio. Por isso, sua imagem rebelde mostra o sofrimento de uma morte dupla – dois momentos decisivos de sua dupla formação.

Em relação a “O”, Olavo Hayano é o oposto de Abel. Olavo é a representação de um amor enganoso e prisioneiro. Abel é o contrário: é o hóspede do corpo dela, fertilizando-o e multiplicando seus poderes criativos. Por meio dele, a palavra transforma-se em flores, em peixes que saltam do mar. É a própria vida.

Abel rompe a barreira de prisão da palavra no corpo de “O”, pois, ao penetrar no corpo dela, abre o espaço gerador da palavra. Assim como Abel, Inácio Gabriel abre uma janela na vida de “O”, ao anunciar a vinda de Abel.

Olavo Hayano, Abel e Inácio Gabriel formam o triângulo amoroso na vida de “O”, análogo ao triângulo amoroso na vida de Abel, composto por Roos, Cecília e “O”. Tal geometria faz relação com a arte de narrar: a razão é a medida do homem que se debate através da imaginação, com o objetivo de rompê-la.

Por fim, é pontual o papel que ocupam as duas criadas Inês e Natividade. Abel procura, em todo o romance, restituí-las à sociedade, colocando-as em seu devido lugar, resgatando-lhes a palavra contida.

Avalovara tem a pretensão e a proposta de inscrever o romance na grande trajetória humana, narrar essa aventura e ser narrado por ela. Por isso, o livro oferece ao leitor uma inesgotável viagem, uma incursão pelo conhecimento. A política, as artes, a filosofia, a psicanálise, a biologia, a astronomia, a religião e os mitos – grandes criações humanas – são visitadas, sejam com o olhar encantado de quem está descobrindo o mundo, sejam com a vista cansada e o coração desiludido.

O homem que empreende a viagem sugerida pelo romance é ainda o mesmo que sofreu a queda e já é outra pessoa. Esse é o leitor do romance e esse é Abel, seu protagonista. Ambos são conduzidos no tempo e no espaço, na espiral que cruza o quadrado mágico, por três mulheres, três representações da vida.

Roos, Cecília e “O” são percursos de uma viagem pelos caminhos da existência humana. Roos é feita de cidades, Cecília hospeda homens em seu corpo e “O”, sem nome, é carne e verbo. Abel as percorre e é percorrido por elas, ele as cria e é criado, ama e é amado, mas, mesmo assim, são as mulheres que lhe mostram o mundo, com suas maravilhas e seus infortúnios. São elas que transportam o conhecimento, o sentido das coisas ou a falta dele.

O objetivo de Abel, em todas suas viagens, é tornar-se humano. Para isso, ele recompõe sua própria história, apreendendo a história do brasileiro e do nordestino, daqueles que fizeram erguer

idades e dos que morreram carregando as pedras. É de dentro desta história que Abel escolhe seu lugar como ser humano.

Portanto, **Avalovara** é um livro sobre escolhas. Entre decidir a respeito do que escrever e sobre quanto investir no amor após tantas perdas, há várias opções que são feitas. Tanto Abel quanto “O” são seres que não se submetem; eles se enganam, erram, espreitam, mas jamais se rendem por completo. Guardam em si a raiva que os mantém íntegros, o que permite que continuem sendo eles mesmos.

Ao entrarem no Paraíso, “O” e Abel ingressam em uma outra ordem narrativa, que se estabelece como possibilidade do **vir a ser**. Todo o romance é uma defesa do ser humano, como forma de negar o embrutecimento dos sentidos, a anulação da capacidade criativa. A busca que Abel empreende está vinculada à necessidade de se recolocar no mundo. A escolha da narrativa como veículo para transporte é, portanto, apropriada. Afinal, cada romance é um mistério e cada página virada, uma descoberta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Luiza. **Osman Lins**: crítica e criação. São Paulo: Editora Hucitec, 1987.

CANDIDO, Antonio. A Espiral e o Quadrado. In: LINS, Osman. **Avalovara**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.9-11.

DALCASTAGNÉ, Regina. Opção pelo humano. In: **Literatura Brasileira Contemporânea**. Ano 2, nº 19, s/d.

LINS, Osman. **Avalovara**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NASCIMENTO, Esdras do. Alegoria da arte do romance. São Paulo: **O Estado de São Paulo**, maio 1974. Disponível em www.osmanlins.com.br. Acesso em 29 jun 2007.